

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.054

Sabado, 29 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 28-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha-Lisboa-Telefones 5339-6

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O operariado do país deve afirmar-se no próximo dia 1.º de Maio como uma força capaz de compreender o momento que passa. Negociem em Génova os caixeiros do patronato internacional, enquanto o patronato nacional quer criar atmosfera favorável a uma mais funda extorção do que ao povo pertence, cavando mais fundo a miséria do proletariado nacional. Saiba este, pois, corresponder ao momento no justiciero protesto do dia 1.º de Maio que se aproxima.

## A «CHANTAGE» DA CONFEDERAÇÃO PATRONAL

A Confederação da Exploração Patronal, da Intrigues Patronal ou Confederação Patronal publicou no *Diário de Notícias* uma página de prosa, com recheio de quadros estatísticos. A prosa é chôcha, perversa, estúpida e mentirosa. Os quadros estatísticos são fantasiosos, errôneos, caluniadores, vigarísticos. A prosa e os quadros estatísticos provam que a vida subiu 820 %, e o aumento dos salários atingiu 1090 % desde 1914. A prosa afirma que a situação dos proprietários, dos industriais e dos comerciantes é angustiosa, próxima da miséria. A prova unida aos quadros estatísticos não fica por aqui. Vai mais longe, atinge o inultrapassável. Conclui descaradamente que o Estado é um ladrão e os trabalhadores uns preguiçosos. Do modo que pelos tais quadros estatísticos da Confederação do Vigário Patronal, confederação que intriga patrões, que atenta contra as leis; confederação feita para conduzir os proletários a uma maior miséria, os que trabalham vivem uma existência mais desafogada que em 1914, e os patrões — comerciantes e industriais — atravessam uma situação angustiosa.

Os trabalhadores de todas as profissões, que tem a miséria em casa, que se debatem entre preocupações derivantes da dificuldade das economias insuperáveis, estão sendo vítimas duma pavorosa ilusão. O operariado sofre de neurastenia, da mania de perseguição.

Precisa de maior salário para enfrentar a carestia da vida? Não! Necessita, simplesmente, de dar entrada numa casa de saúde, num manicômio. O seu estado não é de miséria é unicamente mórbido. O operário de 1922 é o burguês de 1914 e o burguês de 1922 é o operário de 1914. Portanto a guerra transformou-se numa profunda revolução social: os operários enriqueceram progressivamente e os patrões estão prestes a entrar para os asilos da Assistência Pública. Os exploradores são explorados pelos que exploram. Dentro em pouco o patrão desaparecerá, porque a sua situação tornou-se pior que a dum mendigo ou a dum condenado a degredo. Tais são as conclusões que se extraem da prosa e estatísticas da Confederação Patronal.

Escusado será fazer-se refutação de semelhantes distates. Pois haverá cego tam cego e surdo tam surdo que acredite naquella prosa e naquellas estatísticas? Então a população trabalhadora da cidade não se sentirá revoltada ao ver a Confederação Patronal dizer-lhe que tem a abundância e não a fome, atribuir-lhe salários que está longe de auferir, e atribuir aos generos alimentícios preços mentirosos?

A Confederação Patronal cometeu uma chantage. Quis ludibriar toda a gente. Como se fosse possível que se acreditasse nas suas lóricas venenosas! Esta de vir dizer aos que sofrem miséria:

«Vocês estão prósperos. Estão nadando em ouro, estão vivendo na idade de ouro. A situação dos comerciantes e dos industriais é que está má, está péssima. A miséria dos industriais e dos comerciantes é espantosa, e insustentável. Os industriais, os comerciantes são as vítimas da guerra. Vocês auferiram lucros. Em relação ao custo da vida de antes da guerra, vocês, trabalhadores auferem um lucro de 170 %, visto que a vida subiu 860 % e os salários 1090 %»

E depois continuam: «Os industriais e os comerciantes são classes essencialmente trabalhadoras. Explorar, os que trabalham, é ser essencialmente trabalhador.»

De modo que as classes operárias que trabalham para os industriais e comerciantes são classes essencialmente exploradoras!!

A Confederação Patronal tem sido uma instituição que procura

## 1.º DE MAIO

Anima-se a classe operária portuguesa para comemorar a data do «1.º de Maio». E' claro que não se trata já daquela comemoração festiva de outros anos já longínquos, porque semelhante comemoração é a negação da característica revolucionária que a classe operária deve dar às suas manifestações. Trata-se duma afirmação de princípios e de vontade, animada de fé e de entusiasmo pelo triunfo da sua causa — a causa da sua emancipação económica e da sua libertação de todos os preconceitos morais e políticos, que até hoje lhe tem prendido os movimentos.

São as algemas da escravidão que é preciso quebrar a todo o custo e que só a inabalável esperança da vitória da justiça conseguirá manter, com as manifestações em que as almas comunguem numa mesma aspiração ideal de verdade e de beleza.

E o dia 1.º de Maio, dia primaveril, cheio de poesia e de vida, é também aquele em que o proletariado afirma a sua vitalidade e o seu desejo de redenção pelo esforço próprio, pelo seu protesto sentido e unânime contra as causas da injustiça social. E' assim que, quasi em todas as localidades, em que o proletariado está organizado, seja em comícios públicos, sessões solenes de propaganda, ou seja por quaisquer outras manifestações em que predomine o espírito de classe, o significado do dia 1.º de Maio é ressaltado.

A U. S. O. de Lisboa, distribuirá hoje o seguinte manifesto:

### Ao Povo Trabalhador!

Neste momento em que se pretende reduzir as regalias conquistadas pelo operariado e muito especialmente o horário de 8 horas de trabalho, que é atacado presentemente por todas as forças maldicas do país representadas pela Confederação Patronal, é dever desta União, lembrar a todos os trabalhadores, o dever que tem em comemorar o dia 1.º de Maio, data proletária que marca no mundo inteiro uma demonstração de força das classes escravizadas!

Não é de festa este glorioso dia, mas de protesto e de reclamações; é por assim dizer o balanço anual que tem que se fazer à vitalidade da organização local; e assim esta União lembra que no dia 1.º de Maio, não se deverá mover qualquer peça de ferramenta, de molde a que nada se produza e a permitir que todo o operariado compareça em massa no comício que este organismo promove no parque Eduardo VII, pelas 15 horas.

E' necessário que o operariado saiba mostrar às chamadas forças vivas a sua consciência, perante a data revolucionária do 1.º de Maio, que longe de ser uma data patriótica, é alguma coisa mais, porque é uma data internacional e portanto a data duma Pátria Maior, a Pátria Universal!

Neste dia, ficar em casa, é cobardia, mas ficar na obra ou no campo é pactuar com a burguesia, é incitar os da Confederação Patronal para que continuem. Mas não, a U. S. O. tem a antecipada certeza que a comemoração do 1.º de Maio este ano, constituirá uma bela manifestação de protesto contra a mais feroz perseguição de que as classes produtoras vem sendo vítimas!

Portanto, camaradas! Que todos cumpram com o seu dever, não esquecendo que a data do 1.º de Maio não é de festa, é antes de protesto, é uma data fundamentalmente de carácter revolucionário; é assim que todos os trabalhadores o deverão compreender!

Camaradas! Compareçam em massa no comício que esta União realiza no Parque Eduardo VII; e que o abandono do trabalho nesse dia seja completo.

Vivam as Classes Trabalhadoras!

## A BATALHA C. G. T.

No dia 1.º de Maio «A Batalha» sairá ilustrada. Será um número especial, consagrado aos mártires de Chicago.

Se não nos falharem as possibilidades de que dispomos, «A Batalha» será enviada para o correio no dia 30, à noite, por forma a aparecer em todas as localidades na manhã do dia 1.º de Maio.

### Federação Nacional da Construção Civil

Na sua reunião de ontem, o conselho federal sancionou a resolução já aprovada em reunião da comissão administrativa, pela qual são nomeados delegados aos comícios e sessões do dia 1.º de Maio se realizam, os seguintes camaradas: Alfredo Lopes, Lisboa; Alexandre Assis, Vendas Novas; António Matos, Paredes; João Jorge, Tires; Daniel Francisco, Oeiras; Marcelino Silva, Vila Franca de Xira; Adriano Pereira Machado, e Joaquim Diamantino, Montelavir; João Caldeira, Barreiro; Inácio Marques, Seixal.

### Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Em conformidade com as determinações da Federação Nacional Marítima, são convidados todos os contra-mestres, marinheiros e moços a desembarcarem no próximo dia 1.º de Maio, ficando de guarda os que estiverem de quarto e de guarda, devendo todos os camaradas comparecer na associação, pelas 12 horas, a fim de assistirem a uma sessão que ali se realiza, para que bem fiquem sabendo a razão de ser deste dia para os trabalhadores, assim como também não deverão faltar ao comício que se realiza pelas 15 horas, no parque Eduardo VII.

### Pessoal da Imprensa Nacional

Numa nota que o sindicato do pessoal da Imprensa Nacional fará distribuir hoje entre os seus componentes, é feita uma intensa propaganda do manifesto editado pela U. S. O. no sentido de o mesmo pessoal cumprir de uma forma completa as indicações da organização quanto à atitude que o operariado deve assumir no dia 1.º de Maio.

### Descarregadores de Mar e Terra

Em sessão magna da classe, foi aprovado que no dia 1.º de Maio os descarregadores não compareçam ao trabalho.

### Compositores tipográficos

Reúnham ontem, na Associação dos Caixeiros, os delegados dos quadros dos jornais para tratar de solenizar conjuntamente a memorável data do 1.º de Maio.

### Comissão Central

Reúnham ontem esta comissão, com a representação dos seguintes organismos: Sindicato U. Metalúrgico, Construção Civil, Manufacturas de Calçado e Operários do Município.

### Choque de veículos

Em Cabo Ruivo, um caminhão que vinha a caminho de Lisboa chocou com uma carroça carregada de carvão, que seguia em sentido contrário, com destino aos Olivais, resultando ferido o condutor deste último veículo, Francisco da Cruz, de 36 anos, casado com Ana Leite da Silva, natural de Castro Daire, e residente na rua Capião Leitão, o qual foi imediatamente conduzido ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, onde recebeu os primeiros socorros, recolhendo depois à sala de observações do hospital de S. José, idem, 5800.

### Operários ferradores

Reúnham ontem este sindicato, com grande concorrência. Depois de falarem vários oradores, mais uma vez foi aprovada calorosamente a greve pró-aumento de salário, reunindo novamente em assembleia magna amanhã, pelas 10 horas da manhã, devendo comparecer sócios e não sócios.

### Manipuladores de pão

Reúnham a direcção, juntamente com a comissão de melhoramentos, para tratar de diversos assuntos de interesse para a classe, tendentes a levar a bom termo as suas reclamações. Resolvem mais convocar a classe a reunir, em assembleia geral, para tratar assuntos urgentes e inadiáveis amanhã, pelas 17 horas.

### Manifacturas de calçado

Reúnham ontem tendo aprovado definitivamente a tabela que há de começar a vigorar no dia 8 de Maio e que deve ser enviada aos industriais no dia 2, devendo a classe reunir em sessão magna no dia 1.º de Maio pelas 12 horas, para tomar conhecimento dos restantes trabalhos a pôr em execução.

### Operários mecânicos

Hoje reúnham pelas 20 e meia horas os operários mecânicos para elaborar a tabela mínima para esta especialidade.

### Congresso Socialista

A comissão organizadora do Congresso Socialista pede-nos para que por intermédio do nosso jornal sejam avisados todos os congressistas já eleitos para comparecerem hoje, sábado, na sede do Centro Socialista, rua do Bemfornoso, para receberem o cartão de identidade que dá direito ao *bonus* de 50 % na passagem do Caminho de Ferro até Paialvo e na diligência até Tomar.

Todos os socialistas podem requisitar o novo regulamento partidário que será discutido no Congresso, na sede do Centro Socialista.

A partida dos delegados é amanhã, no rápido das 8,50 ou no correio das 9,22.

O Centro Socialista do Monte Pedral, em sua reunião, resolveu que fosse seu delegado ao próximo congresso socialista o sr. José Maria de França guard-livros em Tomar.

### Tribunal de Defesa Social

Os julgamentos de ante-ontem

Reúnham ante-ontem este tribunal, sob a presidência do sr. Joaquim Crisóstomo. Foram julgados doze indivíduos, entre os quais quatro mulheres, acusados de vadiagem. Destes foram absolvidos cinco homens e as quatro mulheres, sendo os restantes colocados à disposição do governo.

Também deviam responder dez operários acusados de agitadores, sendo que o sr. Joaquim Crisóstomo, em pleno tribunal, declarou não ser criminoso. Porém, o julgamento destes operários, que vieram ultimamente dos fortes militares, foi adiado para o próximo dia 4 de Maio, apenas sendo julgado o metalúrgico Manuel Rodrigues, que foi absolvido.

Nota curiosa: o vogal sr. Barbosa Viana exigia a caderneta sindical aos indivíduos acusados de vadiagem, a fim de que eles comprovassem o exercício da profissão que declaravam.

Argumentava este senhor que todo o operário honesto deve estar dentro do seu sindicato, na defesa dos seus interesses económicos, e que, portanto, só a sua caderneta sindical provaria a sua qualidade de operário.

### U. S. O.

#### Conselho de Delegados

Extraordinariamente reuniu ontem o Conselho de Delegados para apreciar assuntos referentes ao 1.º de Maio e para se ocupar de uma carta do secretário geral, em que o mesmo pedia a sua demissão.

Usaram da palavra os representantes dos Sindicatos da Construção Civil, Metalúrgico, Mobiliário e Inscrições Marítimas, findo o que foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta:

«Propõe-se para que se oficie imediatamente ao camarada secretário geral, comunicando-lhe que este Conselho não aceita a sua demissão, empenhando-o a retomar o seu lugar até terminar a missão de que estava incumbido até à próxima futura reunião do Conselho, depois 1.º de Maio, e que igual comunicação seja feita em «A Batalha».

— António Gomes Ribeiro, Francisco Viana.

O Conselho volta a reunir amanhã, pelas 19 horas prefixas, para tratar ainda de assuntos que se prendem com o 1.º de Maio.

### Classes que reclamam

#### Manipuladores de pão

Reúnham a direcção, juntamente com a comissão de melhoramentos, para tratar de diversos assuntos de interesse para a classe, tendentes a levar a bom termo as suas reclamações. Resolvem mais convocar a classe a reunir, em assembleia geral, para tratar assuntos urgentes e inadiáveis amanhã, pelas 17 horas.

#### Manifacturas de calçado

Reúnham ontem tendo aprovado definitivamente a tabela que há de começar a vigorar no dia 8 de Maio e que deve ser enviada aos industriais no dia 2, devendo a classe reunir em sessão magna no dia 1.º de Maio pelas 12 horas, para tomar conhecimento dos restantes trabalhos a pôr em execução.

Hoje reúnham pelas 20 e meia horas os operários mecânicos para elaborar a tabela mínima para esta especialidade.

#### Operários ferradores

Reúnham este sindicato, com grande concorrência. Depois de falarem vários oradores, mais uma vez foi aprovada calorosamente a greve pró-aumento de salário, reunindo novamente em assembleia magna amanhã, pelas 10 horas da manhã, devendo comparecer sócios e não sócios.

#### Choque de veículos

Em Cabo Ruivo, um caminhão que vinha a caminho de Lisboa chocou com uma carroça carregada de carvão, que seguia em sentido contrário, com destino aos Olivais, resultando ferido o condutor deste último veículo, Francisco da Cruz, de 36 anos, casado com Ana Leite da Silva, natural de Castro Daire, e residente na rua Capião Leitão, o qual foi imediatamente conduzido ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, onde recebeu os primeiros socorros, recolhendo depois à sala de observações do hospital de S. José, idem, 5800.

## A Confederação Patronal e o seu «bureau» de estatística

Demonstrámos ontem quanto de já lhe vai um lucro de perto de 2800 por hora, que dará bem para pagamento dos ordenados do encarregado e dos aprendizes, que também executam trabalhos, portanto deixam lucros.

Com a hora-limador procede-se de igual modo. O salário do limador é inferior ao do torneiro, mas como a C. P. nivelou os salários para sua conveniência, aproveitamos-lhe o trabalho: 1806,2 da hora-operária; 1806,2 de energia e 550 de deterioração, dá igualmente 2806,2, mas as horas-limador são na maioria dos casos creditadas em 3850, — o que demonstra que o salário do limador é inferior — dando igualmente um lucro de proximamente 1850.

Para completar falta estipular o preço da hora-forja. Forjador, hora-operária, 1806,2, ajudante — neste caso não podemos estabelecer salário idêntico, porque nunca um ajudante auferia salário igual ao do forjador, o que bem demonstra a falsidade do mapa da J. P. — arbitremos-lhe pois, 6500,0, que dá a hora de 815; carvão, 550; energia, 550, soma, 9281,2, nas as horas-forja são sempre valorizadas em 5800, dando um lucro de 2000 e tal por hora.

Estabelecida, pois, o preço da hora-máquina, vejamos como se actua um trabalho. Suponhamos que este teve 2 horas de torno, 1 limador e 2 de forja, acrescendo o preço dos materiais:

Trata-se dos lucros dos industriais, assunto sóbrio que a C. P. faz silêncio, naturalmente para obedecer à divisa de que «o segredo é a alma do negócio».

Busquemos uma indústria ao acaso. Tratamos ontem de topografia. Tratamos hoje de metalurgia.

Ninguém ignora que uma casa industrial tem uma escrita, pela qual se apura o seu movimento com a maior precisão.

Nas oficinas em que a escrita está devidamente montada, é fornecida uma guia individual a cada operário, na qual ele especifica o número de horas empregadas em cada obra que é designada pelo número do registo dos trabalhos nos livros de entrada.

No final da semana, recolhidas essas guias, obter-se há o número de horas empregadas e a destinação de quantas empregou em cada trabalho executado no mesmo período de tempo.

Na tabela de salários que a C. P. publicou encontramos o metalúrgico com o salário de 8850, que deve ser o máximo e não a média, como já ontem ficou demonstrado com o dos tipógrafos. Mas aceitemos esses salários para os profissionais e façamos a conta ao preço dos trabalhos apresentados ao consumidor por essa base.

Uma pequena serrallaria mecânica, que tenha um torno, um limador e uma forja, deve recrutar pelo menos três operários serrallheiros das respectivas especialidades, com um ajudante de forjador.

As guias individuais dos operários servem para se achar o número de horas que cada um tem a receber por semana e para se debatarem os trabalhos executados.

No preço dos trabalhos não se descreminha o preço da hora-operária, mas o preço da hora-máquina. Assim, temos que a hora-torno deve ser valorizada da seguinte forma: 1806,2 da hora-operária, 550 de gasto de energia eléctrica, 550 para deterioração de material, soma 2806,2, mas as horas-torno são quasi sempre valorizadas em 4800 ou mais, consoante a maior ou menor ambição dos industriais, don-

Esta definição gastos industriais, reduzida em linguagem de gente honrada, significa lucro líquido industrial.

Desta forma, exemplificando-se o preço exacto dos materiais, o consumidor supõe que as horas respeitantes ao trabalho são a resultante da grande alta de salários, não almeja os lucros que já daí aufero o industrial. Mas os materiais são igualmente aumentados sobre o custo em 200 por cento, o que equivale a dizer que quanto mais sobem os preços dos materiais maiores lucros obtém os industriais, embora aparentemente lamentem a grande alta, que tanto os prejudica, a eles... *tadinhas*.

Não exageramos a percentagem acrescida à totalidade dos trabalhos, porque casas há que a computam em 300 por cento e mais.

E o que se dá com a indústria metalúrgica, verifica-se com outras indústrias, não admirando, pois, que dentro de algum tempo de exploração, as oficinas sejam trespassadas por quantias enormes, e os antigos proprietários, com o capital adquirido numa labuta tenaz no seu honrado trabalho, enfileiram nas hostes do igualmente honrado comércio, vítimas do desenfreado egoísmo do operariado.

José Maria GONÇALVES.

### Homenagem ao velho Raul

De dia a dia aumenta o entusiasmo pela verdadeira consagração a um ideal de bondade, que o velho José Avila tem sabido encarnar na medida do possível.

A comissão acaba de receber a valiosa adesão do notável prestidigitador português João Pedroso (o Indiano), célebre pelos seus trabalhos de arte, e do exímio guitarrista Armando Augusto Freire (Armândinho), acompanhado do não menos exímio violista Georgino de Sousa. Em breve espera publicar o programa definitivo.

Os bilhetes para esta brilhante apoteose já se encontram à venda na administração deste jornal, onde a procura tem sido enorme. Como já noticiamos as entradas são por oferta e serão entregues aos preços mais altos, para que a mesma resulte o mais útil possível. Recebem-se mais as seguintes ofertas:

Fernando A. Oliveira, 1 balcão 1.º, 10800; António Augusto, 3 balcões 1.º, 30800; Nascimento Cunha, 1 dito 2.º, 5800; Guilherme Horta, 1 dito 2.º, 5800; Joaquim Salvador, 1 dito 2.º, 5800; José das Dores (cortador), 1 dito 2.º, 5800; Manuel Maria (manufaturador de calçado), 1 dito, 5800; Alfredo dos Santos, idem, idem, 5800.

### Vida artística

Constituiu um belo êxito a abertura da interessante exposição do ilustre pintor algarvio Sr. Lyster Franco no salão nobre do Teatro Nacional.

Como no ano anterior, dá-nos o distinto artista belos carvões magnificamente tratados e que se impõem pela simplicidade dos processos. Em todos eles a paisagem do Algarve nos encanta com os seus magníficos aspectos.

### Imprensa

#### Livre Pensamento

Reaparece amanhã o jornal *O Livre Pensamento*.

#### COLUNA ESPERANTISTA

Esperanto — Está despertando grande interesse a festa esperantista, que a sociedade esperantista operária «Lisboa Verda Stelo» realizará amanhã, domingo, pelas 21 horas, no Grupo Dramático Lisboense, rua Marcos Portugal, 22 e 24.

# IV Congresso da União Sindical Italiana

Reunido em Roma nos dias  
10 a 14 de Março de 1922

## A segunda jornada

Sessão da manhã

Na sessão da manhã de 11 presidiu Brogi, que, ao abrir, solicitou dos congressistas a máxima brevidade.

Lunadei e Cenini protestam contra os retardatários e Camoglio propõe um voto de satisfação a Enrico Leone, neste momento vítima da reacção fascista-estatal. Brogi propõe mais o envio de um telegrama. Sacconi, deplorando as dissensões teóricas, alia-se ao voto lógico, faz votos para que elas não sejam motivo de animosidades pessoais.

De Dominici fala no mesmo sentido. Fornovo comunica a súbita partida de Negro, por ser urgentemente necessária a sua presença em Sestri Ponente. Brogi propõe um voto de aplauso à camarada Negro, que tam bem sente a sua responsabilidade sindical.

A proposta de Brogi é aprovada por unanimidade.

O presidente lê o expediente, que apenas interessa ao Congresso. Lê igualmente uma salvação dos proletários de Valdarno, os quais justificam a sua ausência com o facto de estarem oprimidos sob a reacção, que desapidadamente predomina naquela região. Exortam a continuar-se a batalha para salvamento da U. S. S.

O Circulo Juvenil Sindicalista de Cerignola encarega De Dominici de representá-lo no Congresso, e pede que a situação de Puglia não seja descuidada, afim de que não sejam abandonados os operários que se conservam na brecha.

### Uma carta de Leone

Sartini lê uma carta que Leone lhe escreveu. Depois de protestar contra a fracção Vecchi, que tem o apoio de Faggi e de De Vitorio, Leone diz: «Exorto-vos a vós, a Brogi e sobretudo a Giovannetti, que defendeis de ímpetos excessivos a União que não deve ter a mínima cisão no momento em que a sua conduta pode reavivar a fé grandiosa nos destinos da Rússia revolucionária, que nos parece vacillante no coração dos orientadores bolchevistas. Aos vossos contraditores, que recusam ir a Moscúvia, dizrei que renunciar a Moscúvia é repudiar uma história em marcha. Devemos ir a Moscúvia para demonstrarmos como nos animam os nossos princípios históricos, que nós havemos recatado; mas passando por Berlim, sob condições, que se resumem a fazermos valer-nos como sindicalistas e não como repressores retardatários».

### A carta de Faggi

Depois da carta de Leone, é lida uma outra de Faggi, na qual este assegura não poder comparecer, com a sua representação, em virtude da falta de meios.

Não quiz tomar isoladamente a responsabilidade da representação, pois não sabe a que ponto respeitaria a opinião dos representados, e porque é impossível consultar a província. Relata a repressão fascista e faz apelo à unidade operária. Manifesta-se pela moção Vecchi e pela entrada em massa na U. S. T. Julia inútil que o Congresso discuta a questão dos deputados, por não ser de interesse, visto que Lini e De Vitorio não foram eleitos pela U. S. T., e considerando que esta não pode impedir aos seus aderentes que se inscrevam no partido comunista ou no socialista, não pode igualmente impedir que eles votem ou sejam votados.

Camoglio, entre a gargalhada geral, propõe que se afixe a carta de Faggi. Fornasari faz notar que falta a Faggi vontade de intervir no Congresso, tanto que não o anunciou no jornal local da Câmara de Trabalho de Placência. Veroni protesta contra a leitura da carta e contra as gargalhadas de escárnio, com as quais a carta foi comentada, e pela contumeliosa revolta contra um auctente que tem dado tudo e dá tudo pela U. S. T.

Fancelli pede que se discuta com serenidade, e diz que, se Faggi está ausente, os trabalhos deverão decorrer como se ele estivesse presente.

Sacconi declara que não se pretendeu ofender Faggi, e a propósito de um ponto da sua carta diz que a *Aliança do Trabalho* não implica fusão nem adesão de um organismo a outro, mas é apenas uma aliança entre diversos organismos que mantêm intacta a sua fisionomia e autonomia.

Mari diz que Faggi exprime na sua carta apenas uma opinião pessoal que não merece a irrisão. A unidade é desejada por Faggi e por todos, necessita-se discutí-la serenamente.

Lunadei fala no mesmo sentido e Brogi afirma que a *Aliança do Trabalho* não prejudica a autonomia da União, e quando for vez de se discutir a Unidade Proletária ver-se-á o trabalho por nós realizado na aliança.

### Relatório financeiro

Sartini, depois de várias considerações, afirma que a situação mudou sensivelmente: temos agora dois mil prisioneiros, mas resistimos. Se a União tem déficit, este é só conhecido, aliás a situação não é desesperada. Resumando a realizar os nossos créditos, as dificuldades superar-se-ão.

Está em desacordo com a distribuição gratuita da *Guerra de Classe*, e os que querem servir-se da distribuição gratuita do jornal não devem agravar a despesa da União. Propõe a nomeação de um comité fiscalizador, no qual esteja representada uma parte do Comité Executivo. Termina, aplaudido, exortando as secções a liquidarem as suas contas-correntes com a caixa da União.

Camoglio da comissão revisora de contas propõe a aprovação do relatório e Bonazzi, Sacconi, Mari e outros discutem-no, achando nele algumas contradições que poderão deixar dúvidas sobre o trabalho da administração.

Mari e Vecchi declaram terem plena consciência dos administradores. A despesa é fiscalizada, e se há falhas ou contradições são devidas à destruição da secretaria de Milão, subitamente invadida pelos fascistas.

Borgi propõe que os revisores redigam uma ordem do dia sobre a gestão financeira da U. S. T. conforme as impressões recebidas pelo exame dos livros e dos documentos.

Os revisores vão refinar para a compilação de tal moção. Entretanto Brogi apresenta o camarada Totti, da C. G. T. francesa, e antes de lhe dar a palavra, dirige uma calorosa saudação aos trabalhadores franceses que lutam pelos mesmos ideais sindicalistas-libertários.

### O discurso de Totti

Totti, delegado da C. G. T. francesa, começa o seu discurso lamentando que não possa exprimir-se em italiano, visto que nem todos poderão compreendê-lo bem, por não conhecerem a língua francesa. Sauda o Congresso em nome da C. G. T. francesa, a qual reúne 300.000 operários, que são a parte mais activa e inteligente do proletariado francês.

O momento é grave, e não podemos atender somente a uma defesa imediata, mas a uma acção de reconquista. Conheci toda a história da nossa luta contra o reformismo, o único culpado pela divisão do nosso movimento. Esta luta é realmente das mais graves que temos sustentado contra o governo que ataca de frente, ao mesmo tempo que o reformismo atacava de frente e de costas.

Nós não queremos a cisão, mas sofremos-lhe para não sermos esmagados. Não podemos ser organização nacional, pois que todo o nosso movimento é internacional. Recebemos da Internacional Sindical Vermelha a ordem de ficarmos unidos; ao contrário, a de Amsterdam incita-nos à dispersão.

Hoje a luta internacional entre o reformismo e a tendência revolucionária é a causa primária de todas as cisões. O sindicalismo em França actua, extranho a toda a escola política, e deve conhecer bem o nosso programa, pois que é igual, nas suas linhas gerais, ao nosso programa.

Mas observemos o momento actual. Sob o ponto de vista internacional, a burguesia luta para tornar-se mais forte e o proletariado luta pelas suas reivindicações; luta de defesa e luta de progresso. E' através dos maiores sacrificios, pela defesa proletária, que a consciência do proletário se forma mais rígida e perfeita.

Por três vezes a Revolução bateu à vossa porta. Mas fizeram-vos acreditar que bastariam Modigliani e Nitti, porque queriam a república democrática. Temos seguido em todas as suas fases a fraude democrática, e todas as manobras do radicalismo de Millerand à reacção patriótica do sr. Briand. Pretenderam demorar as nossas reivindicações com a tática parlamentarista. A legalidade é a melhor forma de enfraquecer e inutilizar a força proletária.

Com a vossa paralisação pelas seis horas, deram-vos as oito horas. E nós obtivemos as 8 horas por meios legais. Mas sob esta legalidade, os operários trabalham 10 e 11 horas, enquanto os italianos, que desprezam a lei, que se defendem sem apelar para a lei, demonstram que conquistam muito mais do que o salário estipulado pela associação de classe, abandonando o trabalho se o proprietário faltar ao compromisso que assinou. A classe reúne hoje, às 15 horas.

O recurso democrático é o último suspiro da burguesia; com este balão de oxigénio ela quer formar ambiente numa nova situação, a fim de conservar a sua supremacia de classe.

A democracia pretende estabelecer o corporativismo, que divide o proletariado, mas não materializa as aspirações egóticas do que pretende satisfazer-se a si próprio, não aceitando, pois, o que lhe pode dar uma força maior, material e moral, de vontade e de consciência.

Protegido pelo governo, o corporativismo desenvolveu em França o espírito de casta; devemos por isso libertarmonos do sindicalismo reformista.

O reformismo pretende escamotear o capitalismo. Merheim e Jouhaux, no seu regresso de Berlim, vieram desvanecendo com o centralismo alemão, o qual virá a dar no imperialismo.

Aos nossos industrialistas temos dito que eles são os sindicalistas da guerra, que iludem o proletariado sobre as virtudes da guerra como se ela se fizesse pela liberdade e pela justiça; tem acorpanhado o programa imperialista dos governos burgueses, cadenciando na política de reconstrução dos inimigos da classe operária.

Nos abandonamos, não por ódio aos homens, mas para a defesa suprema dos princípios; a unidade operária hávese-lhe defendido extremamente.

Falando da adesão a Moscúvia o orador diz: «Nós estimamos a nossa tradição sindicalista, pelo que afirmamos a absoluta autonomia do movimto sindical. Sob estas condições vamos a Moscúvia. Não queremos isolarmo-nos porque somos uma organização internacional; mas na nossa aliança vigiarmos os princípios de independência e de autonomia do sindicalismo revolucionário: não queremos vê-los diminuídos».

Não sabemos o que será amanhã o Partido Comunista. Poderá dar-se uma surpresa. Os comunistas começam como os cristãos, mas os cristãos degeneraram; esperemos a obra comunista.

O partido comunista de França afirmou a independência e a autonomia do movimento sindical, e reclamou da Internacional dos Sindicatos Vermelhos a abolição da cláusula contrária à independência do nosso movimento. Um congresso nosso decidirá de ida a Moscúvia. Recusar-nosmos a fazer parte de uma Internacional que seja o reflexo do Partido Comunista. Faz-se demasiada confusão acerca do que se passa na Rússia.

Temos uma íntima simpatia pela revolução russa e profunda admiração pelos homens que estão à frente da Rússia e que derrotam a reacção burguesa. Apesar disso, é o sindicalismo

# AS GREVES

Operários mobiliários

Animados com o mesmo espirito de luta com que iniciaram tam justo movimento, reuniram ontem em assembleia os operários mobiliários.

Por diversos camaradas foi exposta a marcha do movimento, constatando-se que continua a ser um facto o esboramento do celebrado lock-out.

Registaram-se novos pedidos de operários para casas que se encontram trabalhando com o aumento, os quais vão ser atendidos.

Resolveu-se lançar um manifesto ao publico demonstrando que os lucros auferidos com a venda do mobiliário dá margem bastante para satisfazer as reclamações dos grevistas.

### NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A cominho de dois meses de luta, nem por isso os nossos patrões conseguem desmoralizar-nos!

Respeitando o lock-out, continuamos os reis da mobilia a não querer perder tudo. Assim, na madrugada de ontem, dum armazem de movéis do lojista Manuel Dias de Sousa, na rua do Diário de Notícias, saiu uma porção de movéis. A' mesma hora tambem na rua de S. Lázaro houve grande azafama de carregamento de mobílias. Tambem a firma Cunha & Cunha trata de adquirir uma porção de mobiliário para guardarmos de seus armazens.

Enfim, segue a larcia; com a esperança para nós, de que alem das casas que vão abrindo, grandes surpresas nos esperam.

Aguardamos com a mesma serenidade de sempre com a certeza de que se reentrarmos nas oficinas com a satisfação absoluta de todas as nosas reclamações.

Operários do mobiliário: Prossegui com o mesmo ardor, com a mesma fé, que a vitória virá coroar todos nossos esforços!

### O Comité Censal.

A assembleia de hoje é ás 17 horas.

Procurou-nos o sr. José Narciso Fernandes pedindo que rectificassemos uma afirmação feita na nota do comité da greve mobiliaria na parte referente a ameaças de morte, que diz não ser verdadeiro; quanto ao resto está certo.

### Condutores de carroças

Mantem-se ainda e com mais firmeza a união, a greve desta classe, que reuniu ontem em grande numero, falando varias camaradas que aconselharam a classe a manter-se solidária, porque a vitória se aproxima a passos agigantados. Devido a um grande numero de proprietarios que ultimamente têm em vista a sua adesão para a sede do sindicato, resolveu que hoje nenhum condutor deve de receber menos do que o salário estipulado pela associação de classe, abandonando o trabalho se o proprietario faltar ao compromisso que assinou. A classe reúne hoje, ás 15 horas.

### Operários chapeleiros

#### NOTA DO COMITÉ

Continua sem solução a greve da fábrica A Lisbonense Limitada, não obstante durar há 53 dias e o seu gerente, Ernesto Reis, ter tornado publico que a greve tinha terminado para desta maneira desmoralizar a classe.

A greve continua a pé, clamamos-lhe bem alto, enquanto os grevistas não forem atendidos, sendo portanto falsas as afirmações do gerente, que, cada vez se vendo mais desmoralizado, quer tambem obedecer á Patronal e portanto a greve continua e continuará, repetimo-lhe, enquanto justiça não for feita.

— O Comité.

## Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa

### As festas do seu 2.º aniversário

Como noticiámos, effectuam-se amanhã e segunda-feira as festas comemorativas do 2.º aniversário da Cooperativa dos Catraeiros do Porto Lisboa, e que constam do seguinte programa: Amanhã, ás 12 horas, lunch oferecido às crianças que frequentam a escola da Cooperativa, situada no Porto Brandão; ás 14 horas, sessão solene, na qual usará da palavra diversos militantes da organização operária e cooperativista; ás 16 horas, distribuição de um dotativo de 5000 a 20 necessitados. Abre-lha esta festa um magnifico grupo musical.

Segunda-feira, festa na escola de Porto Brandão, criada pela Cooperativa. A's 10 horas, embargo dos convidados e suas familias no Cais das Colunas (Terreiro do Paço), nas lanchas a gazolina e vapores desta Cooperativa; ás 11 horas, chegada à praia do Porto Brandão, onde se realizará um picnic na mata da mesma localidade; ás 13 horas, sessão solene na escola, comemorativa do seu 1.º aniversário, para a qual estão convidados diversos oradores; ás 15 horas, distribuição de prémios aos alunos e alunas que melhores provas de aplicação e frequência tem dado; ás 17 horas, embargo para Lisboa dos convidados e suas familias.

Presta-se a abalhar esta festa um grupo musical composto de amigos da Cooperativa.

O embargo de Lisboa para o Porto Brandão e vice-versa, só é permitido ás pessoas que apresentem o bilhete especial de convite.

que deve realizar-se, realizando o seu programa, sem mutilações.

O orador termina protestando contra a reacção fascista, e invoca a união de toda a força revolucionária contra a coligação burguesa.

Totti é calorosamente aclamado, e em seguida a sessão é suspensa.

### NO PORTO

Na especialidade de alfaiataria

PORTO, 27.—Como dissemos já, a especialidade de alfaiataria declarou-se em greve, deixando surprezos os industriais, assim como parte do publico. No entanto, outra coisa não era de esperar, attenta a bem conhecida casmurria dos patrões.

A classe dos operários alfaiates não podia ficar indifferente ante o constante aumento do custo da vida. Preferia esta classe não vir à luta, que só a ganância dos exploradores e a indolência dos poderes constituídos perante a formidável anomalia da situação económica que martiriza o povo trabalhador a isso a obrigara. Os brados angustiosos que milhares de criaturas ergueram para reclamarem dos dirigentes da nação nacional a sua attenção para o estado miserável em que se encontram, não foram o bastante para os comoverem, de molde a que, esquecendo um instante a sua politiquice, cuidassem de atenuar o principal dos males que as affligem—as dificuldades da vida.

Desta maneira, os operários alfaiates, que como todas as outras classes, sentem as mesmas necessidades económicas, resolveram reclamar dos seus industriais o pagamento do seu trabalho de harmonia com as circunstâncias da vida actual. Debaixo do mais acertado critério, elaboraram uma tabela pela qual os seus salários são elevados dez vezes mais, tomando por base os ordenados de 1914, o que não é exagero, se sinceramente se attender que o preço dos géneros subiu muito mais.

Depois de verificado mais uma vez que os industriais persistem no extravagante capricho de fazer dos operários uma bola de bilhar, rolando-os a seu bel-prazer, a classe dos operários alfaiates, não estando disposta a servir de joguete, resolveu, reunida no seu sindicato profissional, proclamar a greve geral, não mais voltando ao trabalho sem que integralmente sejam satisfeitas as suas reclamações. Ainda mal havia passado um dia do seu enérgico movimento e já a paralisação se fazia sentir na industria, reconhecendo alguns patrões o erro que praticaram, pelo que se apressaram a participar ao Sindicato Unico da Industria de Vestuário a sua resolução de assignarem a tabela apresentada, concordando com ella em absoluto. Os industriais referidos que assignaram a tabela são os seguintes:

José Borges, da rua 31 de Janeiro; Fernando Rocha, rua Santa Catarina; Domingos Alves dos Prazeres, largo do Carmo e Manuel José da Rocha, Galeria de Paris. Os outros industriais podem muito bem seguir este exemplo, se não quizerem incorrer num grave erro e tornar-se responsáveis pelo sacrificio duma classe que apenas exige aquilo que de direito lhe pertence e que os patrões, sem elevarem aos preços dos seus clientes, podem conceder o que não ficam prejudicados.

Numas casas, os industriais levam de jito por um futo 60\$00, e noutras 70\$00. Podem muito bem, pois, dar 31\$00 ao operário que lhe apresente acabado o futo, exceptuando-lhe os botões e trabalho de corte e provas. Ainda ficam a lucrar uns 29\$00, outros, 39\$00, só pelo referido trabalho de corte, provas e botões!

A classe está no firme propósito de fazer prevalecer a sua reclamação, embora para isso tenha de arrostar com as maiores dificuldades.

Tem decorrido animadíssimas e repletas as reuniões efectuadas pelos alfaiates, saindo de todas as calorosas saudações à Organização Operária e ás classes em luta. Tambem tem saído, em especial, os seus camaradas alfaiates tanto da Lisboa, como do resto do país, de quem esperam a sua costuma da solidariedade, a fim de que o movimento seja coroado de bom êxito, para o que muito contribuirá a r comendação dos respectivos sindicatos para que nenhum operário de outra localidade venha atiraçoar os seus colegas em greve. As assembleias tem terminado com vivas á greve, ao Sindicato Unico do Vestuário e organização operária em geral.

Faz em seguida um ataque cerrado à mal organização da sociedade, que permite que os que produzem toda a riqueza social não gozem o fruto do seu trabalho, enquanto que os que durante toda a sua vida nada contribuíram para o bem da humanidade, gozam de todos os confortos, habitam grandiosos palacios, e, no fim de tudo isto, são considerados ainda grandes homens de bem, sem os quais os pobres não podiam passar.

Para terminar com todas as desigualdades existentes, afirma que os operários se devem organizar nos seus sindicatos, afim de todos reunidos como um homem, numa classe de solidariedade, dar o golpe de misericórdia nesta sociedade maldrastra.

Em seguida é dada a palavra ao camarada José da Silva, que saúda, em nome da Federação, todos os operários presentes, agradecendo ao mesmo tempo a sua comparsância aquella sessão de propaganda. Explica à assembleia o que é o sindicato e para que serve; o que é a Federação e o seu valor, e o que é a Confederação.

Aconselha os operários a que abandonem a igreja, pois que a religião através a História, tem sido a principal causadora da escravidão dos povos.

Afirma que a religião só tem em vista incutir o terror nos cérebros fracos das multidões, fazendo-lhes acreditar em preconceitos estúpidos, como a existência dum Deus que no outro mundo nos há-de julgar pelas acções praticadas neste, contemplando-nos com o ceu se formos humildes e submissos e castigandonos com o inferno se formos homens com dignidade, se não abdicarmos de pensar livremente e se subtermos conquistado os nossos direitos a que temos jus, esquecendo-se miseravelmente, que a ideia Deus está em completa opposição com a ideia Inferno, pois que sendo Deus um ser infinitamente bom e perfeito, não podia ser o criador duma coisa infinitamente má e imperfeita como é o Inferno.

Em seguida, diz que brevemente se realizará na cidade da Covilhã o Congresso de Indústria e simultaneamente o Congresso Operário Nacional, aconselhando a assembleia a nomear um delegado para representar este organismo nestes congressos, explicando largamente os fins dum e doutro.

Faz sentir tambem à assembleia a necessidade que há em organizar-seem Guimarães o Sindicato Unico, reunindo num só organismo todos os operários cortidores, serradores, sapateiros, tamboqueiros, etc.

O camarada presidente consulta a assembleia se está de accordo que se forme o Sindicato Unico, manifestando-se esta afirmativamente, desde que os manipuladores de calçado assim o desejem.

O camarada Amílcar volta a fazer uso da palavra, explicando detalhadamente as funções dos Sindicatos Unicos, o que são os Conselhos Técnicos, Bolsim de Trabalho e Caixa de Solidariedade, voltando a falar dos próximos congressos fazendo a propaganda nos mesmos.

Passando-se à nomeação do delegado a assembleia manifesta-se a favor do camarada presidente da Associação, que foi aceite.

Foi encerrada a sessão ás 23 horas, no meio dum grande entusiasmo, aos vivas à Organização Operária, C. G. T. e União dos Sindicatos Operários.

**JUVENITUDES SINDICALISTAS**

**Federação.—Comité Federal.**—Na sua última reunião, nomeou uma comissão liquidatária do C. D. S., a qual comunica aos núcleos e camaradas, e devem saldar imediatamente os livretes e todas as suas contas em aberto, até ao fim da próxima semana.

**Núcleo de Lisboa.**—Convidam-se todos os camaradas que se interessam pela organização a vir à sede pagar as suas cotas.

Devendo tambem proceder da mesma forma os componentes das respectivas secções.

**Campeonato de luta no Coliseu**

Foi uma verdadeira sessão de arte de lutar a de ontem no Coliseu, realizando-se quatro combates artísticos. Fournier, o colossal e bellissimo lutador, tomou Charley por um golpe d'ancas com cintura; Ghyssens, o maravilhoso holandês, venceu Leon d'Angers por um classico golpe d'ancas com pressão de cabeça; Orilo, com um correcto e rápido «bras roulé», dispôs de Favre, e Ochiba, sempre enérgico, tomou Stroobants com um vertiginoso «bras à la volée».

Os combates de hoje são os seguintes: E. Deriaz—Favre, M. Gonçalves—Leon d'Angers, Fournier—Ghyssens e Constant—Saint Mars. Este último é de enorme interesse. O que fará Constant para procurar vencer o potente e deslealissimo Raoul Saint-Mars? Esta luta conta já para o final do campeonato.

**Teatros**

**Primeiras**

**AVENIDA.—A Pérola Negra.**

Não é peça que vexa donzelices, a que a simpática actriz Luisa Sanelela, escolheu para a noite da sua festa artística.

Os autores de *A Pérola Negra* tiveram o cuidado, percebe-se bem, de fazer espirito inofensivo, sem pôr de parte o interesse que numa opereta bem traçada não deve ser dispensado.

O riso tem também a sua filosofia própria, mas essa caracteristica não cabe legitimamente nos limites scenicos duma opereta, que tem de ser ligeira para que não se torne entoadonha e que a letra serve, na maioria dos casos, de pretexto à livre expansão da música em volta da qual o entrecho se destina a animar a acção e a justificar os motivos melódicos.

Por esta razão achámos que Wenceslau Pinto caminhou bem a par de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Félix Bermudes, habilitados *confiteiros da graça*, que, de vez em quando, nos miomocam com estas compotas, que neste momento se apresenta fresca de platão, dar, sem que constipe os intestinos... a moral!

São originais na sua pilheria de pose, as evocações das tribus indianas exquissitas de indumentária e disparatadamente místicas nos seus juramentos que uma gesticulação evocativa cobre de ridiculo.

E, a música agarra-se bem ao enredo atraente, e sublinha as situações em que o cómico mais se nota.

O coro dos selvagens indianos no segundo acto, fazendo rir, não impede que consideremos que a música exprime bem os sentimentos daqueles *peles vermelhas* pateticamente acto que Sanelela canta ao aproximar-se de «Fredy» (Amante) tem uma amorosidade grande em que o mistério da sua origem se enlaga na candência do seu desejo feminino.

Nesse acto o quarteto que Raquel de Barros, Maria Santos, José Vitor e Augusto Costa cantam, tem bastante graça, movimento e naturalidade.

Para que a peça caísse no agrado da plateia, contribuiu não pouco o optimo desempenho. Sanelela falou com os seus olhos negros e poucas vezes um papel lhe estará tanto à feição como o da alegre «Swanee» vingadora e apaixonada, estouvada e insinuante.

Amante, esbeto a subir e a descer para o seu cavallo ligeiro, criou um tipo curioso para sua destemida e titude, de maneiras sacudidas e coração sensível.

Augusto Costa fez com intelligencia a sua personagem de criado assustado a quem o bulir duma folha de árvore o fez levantar de terror, meio metro acima do solo. Multissimmo bem.

Maria Santos, esteve engrandecidissima na intellectual, que arde em paixão pelos homens tímidos e que, duas vezes vivia, tam arredada tem andado dos homens, que já nem se lembra do número de pernas que eles possuem!

João Silva serviu-se bem da sua voz para dar a impressão de selvageria que tem de manter. Tere na verdade no *Gato bravo* a vitalidade dum felino.

Raquel de Barros foi numa miss um pouco escangalhada, mas gentil.

Outros artistas bem.

O cenário muito bom e affectuoso de tintas.

**DEMOCRITO**

**Festas artisticas**

Com a primeira representação da comédia de I. Abati e F. Raposo, *Aven-*

**Nacional** Telefone Norte 3049  
O maior successo desta época

**HOJE—A peça mais querida do publico**

**0 Centenario**  
O conjunto mais harmonioso  
A obra teatral mais enriquecedora

**BREVEMENTE:—RECITA da actriz Lida Stuchini**

**A Triste viuvinha**  
A festejada fará o papel criado por Rosa Damasceno. Recuperação da actriz Laura Cruz no papel que criou neste teatro

## Propaganda sindical

Sindicato Unico Metalúrgico de Portimão

Com enorme assistência de camaradas de ambos os sexos, reuniu esta classe no passado dia 12, para tratar da reorganização do Sindicato Unico Metalúrgico desta localidade, presidindo o camarada João Inácio Rodrigues, secretário da camarada Albertina Vieira e Francisco Lopes.

Aberta a sessão ás 20 horas, pelo camarada presidente, e por diversos camaradas apreciados os movimentos grevistas em trânsito, depois do que é dada a palavra ao camarada Francisco André Correia, que começa demonstrando a necessidade de uma forte solidariedade entre todas as especialidades desta industria, sem a qual não poderá haver organismos fortes, capazes de enfrentar a luta com os nossos inimigos, acabando por aconselhar a que todos se unam dentro do Sindicato Unico Metalúrgico. Seguindo na mesma ordem de ideias o camarada João do Nascimento, é depois dada a palavra ao camarada António Gomes Ribeiro, secretário geral da Federação Metalúrgica em Portugal.

Começa este por salutar os camaradas em luta, demonstrando a necessidade de todos os metalúrgicos de Portimão tem de se organizar fortemente, porquanto não faz sentido que os operários em frente do inimigo comum se degladiem mutuamente, pois que com isso só tem a lucrar os nossos verdugos.

Explica em seguida o funcionamento dos Sindicatos Unicos de Industria, demonstrando com fartos argumentos a sua superioridade sobre os sindicatos de officio, que já não correspondem hoje ás novas fórmulas da luta sindical.

Apela para que os presentes façam a maxima propaganda da sua associação, pois só dentro della poderão conseguir a completa satisfação dos seus legítimos direitos.

Terminando, apela ainda para a solidariedade de todos os presentes, sendo por fim nomeada a nova comissão administrativa, que ficou assim constituída: secretário geral, Francisco André Correia; secretário adjunto, João do Nascimento; secretário administrativo, Joaquim Alves; secretário arquivista, José Salvador; tesoureiro, Francisco Pedro; vogais, João Candelas e Joaquim Vieira.

A sessão foi encerrada pelas 0 horas, no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à C. G. T., à Batalha, Federação Metalúrgica e Sindicato Unico Metalúrgico.

**Curtidores e serradores de Guimarães**

GUIMARÃES, 27.—Reuniu a classe dos operários cortidores e serradores desta cidade afim de tomar conhecimento das resoluções da respectiva Federação de Industria, resolvidas estas transmittidas pelos camaradas Amílcar Pereira Dias e José da Silva, delegados do Comité

# A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

As fábricas têxteis vistas por dentro. — Impõe-se um rigoroso saneamento a bem da liberdade e da moral.

Mas uma vez voltamos a referir-nos à indústria têxtil; é que de facto nas casas desta especialidade fabril passam-se coisas que não podem passar em claro. De quando em vez, chegam-nos informações interessantes pelas quais se verifica que as fábricas têxteis não são uns estabelecimentos produtores onde o operário possa esperar a sua profissão livremente, para conseguir aquilo que se convencionou denominar — *ganhar a vida*. Aquelas grandes oficinas estão transformadas em verdadeiras fortalezas, em autênticos centros de forças onde os carrascos, os tiranetes e cachorros dos patrões, insolentemente bestialmente, escravizam os que estão agarrados ao tear a ditadura, e derreterem-se em capital, para que uns vadios mandados a fazer de prazeres, ali daquele, ou daquela, que balbucie uma frase para um seu camarada. Se não lhe cai em cima o chicote da antiguidade, tem que ouvir os mais vermelhos improperios, num revoltante insulto que indignaria uma viela inteira.

Para os lados da Arousa, há uma fábrica que, tendo pertencido a Dias e Lobão, hoje é propriedade de nova gente, de cujos novos donos também faz parte aquele célebre democrático e esmolador Manuel Pinto de Azevedo, o tal da cantina e da creche. Nessa fábrica trabalha-se 10 horas, mas para ilustrar aquelas pessoas que possam fazer reparos ao atentado que os sovins estão vibrando à lei constitucional e parlamentar que estabeleceu o regime das oito horas, os industriais impostamente arregam que é facultativo o serviço das duas horas a mais, podendo retirar-se aqueles ou aquelas que não queiram trabalhar mais além do horário legal. Mas há lá um caixeiro, de nome José Marques e de apelido — todos os patifes têm sobrenome — *Carpio*, que não achou bem essa liberdade, e vai daí, quando alguém, terminadas as 8 horas de labor, pretende sair, impõe-se imediatamente com a sua autoridade de Gungunhana, chegando a dar ordens de porteiro para que o portão seja fechado e não deixe sair ninguém sem sua ordem prévia. De maneira que se não está numa fábrica do Porto, está-se numa prisão de África! Ora ali está como se procede numa fábrica democrática. Os operários estão sujeitos às vontades, aos caprichos, à estúpida crassa dum mariole que se julga transportado aos tempos em que se disputava dum ser humano com dum objecto vendável. Esta patifaria é feita, de preferência, às mulheres, que é julga dispor delas como num harem.

Quem é, porém, esse José Marques? Segundo uns informes que possuímos, um antigo miserável que, em casa dum seu tio, em Contumil, vivia de urdir teias, e se quer comer um mal adubado caldinho. Quando a fábrica de Dias e Lobão mudou da rua Lindo Vale para a Arousa, o triste figurezco lá encaxei-se como caixeiro, à custa de muitos e choramingueiros pedidos. Lambem, como pôde, as botas ao seu dono e, de colaboração com um mestre — que já lá não está — conhecido por Barrozo, que fez umas partiditas à sua família, auxiliou o seu patrão na conquista de mulheres.

Reconhecido pelas acções raleirantes do seu querido fâmullo, quando a fábrica se passou para a posse de Manuel Pinto de Azevedo e companhia, o sr. Dias e Lobão brindou-o com o melhor dos seus quatro mil escudos, para que ele ficasse sendo alguma coisa dentro da fábrica. E assim, esquecendo-se das antigas calças rotas no rabo, tornou-se um pouquinho patrão e um refinadíssimo birbante, velhaco, perseguidor daqueles e daquelas que só vivem à custa do seu trabalho vilmente explorado.

Mas se os patifes ficassem só por aqui, erguer-se-ia muitas graças a Deus. Mas não. Na Fábrica Fiação Portuense, onde se continua a impôr o horário de 10 horas, o nosso conhecido José Queiroz ainda não deixou de imperar e tripudiar à vontade, com manifesto gozo dos srs. Santos Henriques & C.ª, o primeiro dos quais em tempo d'ida possuiu uns principiolos filosóficos e renovadores desta pobre sociedade.

O mestre Queiroz goza, ao que parece, de todas as regalias na fábrica. Dorme lá e manda os operários fazer-lhe a cama. Não afirmamos que seja um Landru, porque cremos na sua seriedade, mas os que sabemos é que quando tem de passar censuras a operários que fizeram mal determinado serviço, aquelas que lhes agrada mandam-as, cremos que à Torre, uma dependência qualquer, para suavemente as advertir e... possivelmente as namorar. Esta fama, ou por outra, este caso, não só é conhecido na fábrica, como fora dela, o que é de notar.

Ora é este mestre que é insolente e grosseiro para os operários operários, principalmente para aquelas que se não prestam às suas galanteias. Se duas operárias — ou operários — estão a trabalhar próximas uma da outra, se dirigirem mutuamente uma palavra, embora as máquinas não parem, é certa a catadupa de frases insultuosas e de ameaças violentas. Enfunada na sua régua, é bronco nas suas advertências. Porém, para as mestras das urdeiras, de nome Lucinda, das remeteiras, de Corina, das caneleiras e doadeiras, é todo amável. Por esta razão, é que havendo festa de anos num dos dias deste mês, as mesmas mestras foram até casa do Queiroz, onde houve regafo de doces e vinho fino, ao que se associou igualmente um mestre menos categorizado, conhecido por Santos.

Isto ainda não é um palido reflexo do que se passa no interior das fábricas. É o que nos admira é que a classe têxtil consinta, sem um protesto enérgico, tanta patifaria, tanta exploração, tanta tirania exercida por indivíduos sem

escrúpulos, sem moral, sem consciência. É necessário que a classe têxtil se levante e se dignifique, exigindo um rápido saneamento dentro das fábricas, porque tudo quanto se está passando é imoral, vergonhoso e revoltante. As fábricas, como os *ateliers* e como as oficinas, devem ser casas de produção e não de corrupção ou de prostituição. Que refilite bem nisto a classe têxtil, para que oponha um dique ao abuso que estão fazendo da sua miséria, para que corra do seu seio a garotada que a está a enxovalhar.

### A propósito do julgamento dum criminoso precoce

Há tempos referimo-nos a um assassinio cometido por um menor de 18 anos, aprendiz de tanoelro. Com uma *segura*, golpeou o pescoco e cabeça do seu patrão Manuel Bernardo Marques da Costa, numa oficina da rua de Francisco. Pelas conclusões a que chegaram as autoridades, o móbil do crime fora o roubo. Uma criança, em pleno desenvolvimento da vida, ainda mal conhecendo os seus deveres, as suas obrigações, as suas injustiças, as suas desigualdades, aprendeu precocemente duas monstruosidades sociais: o roubo e o assassinio, que se tornaram mais repelentes ainda, ao coração dos *seus pais*, por eles terem revestido um carácter ilegal. O moço, nos seus curtos anos de frequência nesta incomensurável universidade da Experiência da Vida, em que os mais trágicos e cómicos espectáculos nos deliraram a vista, facilmente viu que o dinheiro é um talismão que nos proporciona todas as facilidades de gozo, de espanto, de capricho, de vontade.

Com o dinheiro tudo se consegue. É a criança, desenvolvida numas condições psicológicas e psíquicas duma sociedade ordinária, imaginou também poder viver, gozar, expandir-se, talvez luxar, como tantos outros fazem. Mas faltava-lhe a mola real. Um dia viu que o seu patrão tinha dinheiro, uma corrente e um relógio, que, convencionalmente, têm um valor representativo em dinheiro.

Torcedo por uma má educação e por uma péssima convivência, furioso e matou.

Onde fora o menor de 18 anos beber a inspiração desses dois crimes que a sociedade olha à sua consumação? Lembra-nos que aqui no Porto, como nos grandes centros, há cinematógrafos onde se exibem, no *terran*, filmes policiais, vendendo-se famosos detectivos defrontando-se com audaciosos chefes de quadrilha, depois de, nas projecções luminosas e movimentadas, apresentarem as fenomenais façanhas praticadas pelos gatinhos americanos ou franceses, assassinando ao virar dum esquina ou assaltando um importante escritório ou banco, cujo cofre é levado por subterrâneos de antemão preparados; lembra-nos de dramas criminosos em que entra um habilidoso protagonista que consegue, por documentos falsos, surripiar uma fortuna que dificilmente o primeiro detentor alcança reaver; lembra-nos de uma imprensa mercantilista e de *chantage* ao mais simples crime faz um espalhafato ruído, embrenhando-se num labirinto de minudências, as mais estranhas ao caso até; lembra-nos que pelos quiosques e livrarias estão à venda opúsculos de aventuras de larpins de variados ordens, que tem uma boa quantidade de leitores; sobretudo, lembra-nos as cenas reais que quase diariamente se dão.

Ora há centenas de crianças, de moços, que frequentam os cinematógrafos e que leem os jornais e os opúsculos, impressionando-se profundamente e é por isso que umas se dizem *Vandick* e outras *Sherlock Holmes*. Não sabemos se o novel *assassino e ladrão* em referência recebeu algumas influências do que apontamos. Mas é provável. Seja ou não assim, o facto é que ontem foi julgado.

Atendendo à sua menoridade, foi condenado a ser encarcerado numa escola-hospital, para que lhe ministrassem uma cura conveniente, podendo amanhã reconhecer, conscientemente, a responsabilidade do seu crime? Não. Considerando que o aprendiz de tanoelro, quando cometeu o crime, era menor de 18 anos, a sociedade que tantas vítimas tem causado pela exploração, pela fome e pelas guerras de interesses financeiros, inexoravelmente o condenou a 8 anos de prisão maior celular ou na alternativa na de degredo por 12 anos, ou ainda em prisão maior temporária por 11 anos. Tempo suficiente para terminar o curso principiado cá fora, porque os bons alunos fazem bons discípulos.

Ah! para tudo isso tem de pagar 180 escudos para o Estado.

27 de Abril.

C. V. S.

## Agressão

Na enfermaria de St.º Onofre, do Hospital de S. José, deu ontem entrada, Bento de Oliveira Salgado, de 30 anos, casado, trabalhador e residente no Casal do Barro, próximo de Alenquer, que há dias ali foi agredido pelo trabalhador Alberto Rocha, de 36 anos, também casado, arraçado-lhe este, com uma dentada, a orelha direita, vibrando-lhe por fim duas facadas no braço esquerdo. A agressão foi motivada pelo facto do Alberto ter furtado em tempos um varapau ao Salgado, tendo este furtado várias vezes provocado discussões entre ambos, as quais nunca tiveram consequências de maior.

## Rendimentos dos operários

Deu ontem entrada na enfermaria de Santo Onofre, do Hospital de S. José, David Domingos, de 21 anos, natural de Almagem do Bispo e ali residente, que numa pedreira, no mesmo local, foi colhido por uma pedra, ficando ferido na cabeça.

## Propaganda Anti-Alcoólica

Promovida pela Associação Anti-Alcoólica Operária, realizou-se na passada terça-feira, 25, uma sessão de propaganda anti-alcoólica, à qual presidiu, a convite do secretário da comissão de propaganda, o camarada Horácio Inglês Tavares, que após breves palavras de introdução concedeu a palavra ao camarada J. Lion de Castro.

Disse este camarada que a propaganda anti-alcoólica ainda não atingiu o desenvolvimento que devia ter, pois que ainda se não conseguiu interessar por ela a família operária que ainda não nos soube interpretar, e nota que em todas as sessões desta Associação, são sempre os mesmos indivíduos que comparecem.

Salienta que a propaganda anti-alcoólica não tem só por fim convencer o operário a abster-se de ingerir álcool, mas muito principalmente criar consciências e que a continuar-se ingerindo enormes quantidades de álcool isso dará em resultado, dentro de poucos anos, a que liquesmos por completo sob a tutela do sistema burguês.

Se a Sociedade ainda hoje é imperfeita, é isso devido a nós não sermos ainda perfeitos, e termos uma educação ainda inferior. Se a Sociedade é má, é porque nós somos maus; se quisermos torná-la boa, comecemos por nós tornarmos bons, nós próprios.

Há indivíduos que cometem o erro de crer que o álcool é um alimento. Nada se consegue com dados estatísticos e opiniões médicas tendentes a mostrar a nocividade do álcool; isso prova o estado de inferioridade em que se encontra o povo.

Para modificar a Sociedade presente é preciso começar pela vossa própria pessoa, é necessário termos uma vida mais fina, mais perfeita e libertar-nos da escravidão do álcool.

Se a burguesia domina é porque a massa é inconsciente. Como se compreende que uma minoria viva à barba-longa enquanto a maioria trabalha e se define, senão pela ignorância dessa maioria?

Em seguida é lida uma carta do camarada Lhu de Araújo, da qual recordamos os seguintes trechos:

«Para conseguirmos emancipar-nos de todos os defeitos a que estamos acorrentados é necessário que a taberna seja encerrada para sempre; é este o primeiro passo para a nossa emancipação.

Em seguida as casas de jogo, depois os lupanares.

«Livres destas peias poderemos educar a vontade e a mente, dominar as nossas paixões, levantar o espírito e infiltrar-lhe pensamentos puros cheios de altruismo, e será isto o germe da verdadeira civilização».

Fala em seguida o camarada Horácio Inglês Tavares que começa por dizer que a taberna é um antro onde predomina um ar irrespirável, saturado de ácido carbónico que prejudica a respiração pulmonar e dificulta a respiração cutânea. Haverá quem diga que não precisamos frequentar a taberna, pois temos o café com mais atractivos e uma atmosfera mais agradável. E o que é o café senão uma «taberna dourada» onde o ar é tão impuro como na taberna e onde se ingere álcool sob todas as formas.

Estabelece depois comparações entre a taberna e a associação.

A taberna onde os desgraçados que a frequentam andam a desgratar o vício: o álcool, o jogo e o fumo; e a Associação que só lhes oferece vantagens, a defesa dos seus interesses e a educação dos indivíduos. Entre a casa do bório, onde tudo é miséria, desordem, falta de conforto, e a casa do sóbrio, onde tudo respira felicidade e alegria.

Aprecia depois os efeitos do álcool que divide em três espécies: individuais, familiares e sociais.

Falando dos efeitos individuais, pergunta se haverá coisa mais deprimente que um alcoólico embriagado, caminhando cambaleante, enquanto o rapazinho o disfarça e ri da triste figura que faz? Se esse homem pudesse ver depois disso, certamente não se embriagaria mais.

Mas infelizmente não é só isso; aquele que se embriaga é um verdadeiro flagelo da sua mulher e dos seus filhos, pois que deixa o seu dinheiro na taberna e faz passar momentos horríveis aos seus. E ainda copulando com aquela a quem se ligou, o alcoólico comete o grande, o incomensurável crime de arrastar para a Sociedade verdadeiros abortos: idiotas, efêmeros, maciços, aleijados, doentes, que não podem produzir.

Sendo o operário a maior vítima do alcoolismo e principalmente suas mulheres, como se compreende que se possa beber álcool a toda a hora e não se possa adquirir géneros de alimentação senão durante o dia? Porque não reclama o operário o encerramento das tabernas à mesma hora dos mais estabelecimentos?

Tendo feito algumas considerações sobre as causas da degeneração da espécie humana, tais como o alcoolismo, a sífilis, a imoderação sexual e o trespasseamento e sobre a regeneração pelo natuismo, foi a sessão encerrada às 23 horas.

«Alcoólismo ou revolução?»

Editado pela Associação Anti-Alcoólica Operária, deve ser posto à venda no dia 1.º de Maio um folheto com o título *Alcoólismo ou revolução?*, de Emile Vandervelde.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA

Aos nossos assinantes de Lisboa

Solicitamos aos nossos estimáveis assinantes de Lisboa a fineza de prevenir as suas famílias, afim destas satisfazerem as importâncias das suas assinaturas, evitando assim que o cobrador tenha que os procurar várias vezes, o que agrava as precárias finanças de A BATALHA.

Trabalhadores: Lede e divulgai A NOVELA VERMELHA

# A BATALHA na provincia e arredores

## Póvoa de Santa Iria

27 DE ABRIL

A propósito do novo regedor

Em 19 do corrente mês enviámos à redacção do *Século* a carta seguinte, de que extraímos cópia:

«Sr. Redactor — No jornal *O Século* de ontem, 18, edição da manhã, vinha inserida uma local da Póvoa de Santa Iria respeitante a nomeação do sr. Manuel Martins Duarte para o cargo de regedor nesta freguesia.

Razões fortes, imperiosas mesmo, me levam a tocar no assunto.

Julgo que nessa redacção, ou na administração, ou ainda em qualquer outra parte desse jornal, deve estar inscrito o meu nome na lista dos correspondentes de *O Século* no triénio que foi de 1914-1917, se me não falha a memória. Julgo que deve haver também inscrição da data da minha substituição.

Pois a propósito desta local lembrou-se o sr. Martins Duarte de me chamar à sua regedoria presença supondo ser eu o autor de tal informação, julgando-me ainda correspondente desse jornal. Uma vez ali declarei-lhe que nem era eu o correspondente nem a celebre local era de minha autoria.

Como v. deve muito bem saber, ou calcular, eu de forma alguma me poderia corresponder com *O Século* porque sou nesta localidade um obscuro correspondente de *A Batalha*, jornal este que segue um credo, político ou social, como se lhe queira chamar — com o qual concordo absolutamente, — muito diferente do vosso.

E os indivíduos de carácter, como eu me prezo, ou o sr. s.º deve ter — e eu tenho —, sr. redactor, — uma única face.

Admite-se que a tranquilidade dum homem esteja à mercê duma minúscula, ou antes que minúscula, autoridade fazendo dele o que lhe aprouver, impunidade dele este ou aquele delito, a seu belo prazer, sem que para tal fivesse concorrido o sr. s.º conhecido o caso como toda a gente, pelo jornal.

A mim parece-me lógico que aquela autoridade, sentindo-se vexada com a notícia, procurasse as vias competentes para conhecer a sua autoria; por exemplo, informando-se na redacção do jornal que a publicou, e não vexar com prisão, ou coisa que o valha, um indivíduo qualquer, à toa.

Absurdo, simplesmente absurdo, sr. regedor!

Apelo para a vossa lealdade, sr. redactor, pedia-lhe a favor da inserção destas linhas, ainda escritas com o nervosismo que o caso me incutiu, no seu jornal e juntamente a sua declaração se foi eu ou não o autor do comunicado e se, também, sou eu o correspondente de *O Século* nesta localidade.

Isto para definir a situação, porque a mim é inteiramente indiferente que seja este ou aquele o nomeado para aquele ou aquele cargo público ou político.

Rubrico-me com consideração. De v. etc. — *Américo da Silva Santos*.

Pois, à publicação desta carta recusou-se *O Século* a faz-la, não porque ela continha matéria subversiva, mas sim porque naquele merecido de consciências há muito que já não existe lealdade, se é que ela alguma vez pairou sobre o colosso da rua Formosa.

Mas nós que não vamos facilmente no «embrulho» fomos ali de propósito averiguar a causa porque à dita carta foi recusada publicidade.

Note-se, porém, que no domingo antes do dia da nossa ida à redacção de *O Século*, recebemos um bilhete postal daquele jornal dizendo-nos que a nossa carta tinha sido publicada, como desejávamos, no seu número do dia 20!

E sem no-la ter publicado!

Isto é o máximo, é o cúmulo da baixexa que um jornalista pode atingir! Refinado intruído!

Mas mesmo na própria redacção averigüamos que a nossa carta talvez não seria publicada porque o sr. Pereira (presidente da Junta de Paróquia da do burgo), valendo do algum conhecimento que tinha obtido a tal.

Pois bem, nós nunca tivemos nada com essa local — que consistia em dar o actual regedor o epíteto de desordeiro — porque não costumamos gastar tempo e tempo com ninharias dessa ordem.

Occuparmo-nos da nomeação de um regedor! Que personalidade tam importante para merecer as «honras» de um escrito em jornal sindicalista!

Aproveitámos mais o tempo se fôssemos passar pelo sono do que para tal se nos desse.

Mas já que somos impelidos a tratar do caso diremos sem receio que nos desmistam: 1.º, a nomeação do sr. Martins Duarte não foi bem recebida pelo povo da terra; 2.º, porque foi uma nomeação de interesse para o sr. Pereira e acólitos que compõem a dita Junta; 3.º, porque assim ficam todos os importantes — para eles — cargos existentes na localidade nas mãos de indivíduos servís ao quartel-dono da localidade: Alvarez, Pereira, Bessa e Santos.

Será isto falso? Não é porque ali há destes senhores, tendo tantos afazeres com a sua vida particular, há já alguns anos que gozam lugares na Junta sem queiram? Por que será? Visto ser uns cargos que nada deixam? Como dizem, qual será então o motivo por que permanecem ainda ali?

Sacrificam-se em prol do povo? Não, mil vezes não!

É para que se saiba que são eles os «maiores» da terra?

Que vantagem tem trazido ao povo, vós, membros da junta, aquerecem esse lugar, se nem ao menos com uma fábrica de moagem cá não têm evitado que seja necessário levarem-nos de madrugada lá — onde vinha, às vezes, ainda a madrugada — para apanharmos algum pão quasi por favor?

Sim, termino bem: é ao respeitante ao pão e farinha que voltaremos brevemente. — *Capitão da Batalha*

Trabalhadores: Lede e divulgai A NOVELA VERMELHA

26 DE ABRIL

Propaganda sindical

Em missão de propaganda, estiveram nesta cidade dois delegados da Federação Nacional da Construção Civil.

Foi distribuído um manifesto às classes trabalhadoras recomendando a sua participação na União dos Sindicatos Operários locais, pelas 20 horas de ontem, a fim de assistirem a uma reunião que aqueles camaradas realizaram com desusada concorrência, o que leva a crer que o operariado farense, embora pouco conhecedor dos seus deveres associativos, vai compreendendo que nos tempos que correm e em que o patronato egoísta tenta esmagá-lo, nada poderá valer sem a Associação, única entidade invencível quando todos os trabalhadores nela ingressarem.

A carne

Parece que devido à falta de comida para o gado e à muita abundância de peixe, tem-se vendido a carne de vaca com osso a 1900 e a 1820, limpa a 2900, carneiro a 1800 e limpa a 1880.

Empregados no comércio

Como é sabido, há tempos tinha-se dissolvido a Associação dos Caixeiros, mas como muitos destes camaradas viam que era impossível continuarem dispersos e espinhados a todo o momento pelos seus patrões, entenderam, e muito bem, organizarem-se novamente, funcionando desde já a sua associação independente da U. S. O. local, mas dando a sua adesão à mesma. — C.

## Alhós Vedros

27 DE ABRIL

Explorando crianças

Alhós Vedros é uma localidade onde actualmente a exploração se exerce em mais alta escala, debaixo de todo o ponto de vista especulativo, sem o menor respeito pela miséria dos que se vêem na contingência de serem explorados.

Os trabalhadores desta localidade, se não quiserem sucumbir ao peso dos vis exploradores que aqui assentaram arraiais, fazendo dos mesmos uma máquina de produção continua, devem organizar-se fortemente, constituindo os seus sindicatos de classe, para opor uma barreira forte às ambições desmedidas, destes modernos senhores feudais.

Ultimamente várias fábricas se tem aqui constituído, entre elas uma de velas, a qual eu denomino «Fábrica de exploração de crianças», porque esta é que é a denominação mais própria e mais lógica que se deve empregar em semelhante fábricas, dum senhor algarvio, chamado Manuel de Mora Faria.

Este senhor, com largas aspirações a qualquer coisa que se convencionou chamar-se *bu-guês*, pretende enriquecer à custa da exploração e da exploração de crianças, por inteligência delas, coitadinhas, se encontram trabalhando na sua fábrica, havendo algumas a quem mal lhes chega o salário que auferem durante o dia para comprar um pão, que aqui se vende pelo preço de 65 centavos cada quilo. Não contente ainda com a exploração exercida durante o dia, muitos dias há que obriga as pobres crianças a fazerem serão até às 23 horas, renumerando-as com dois moisés patacos, o que as crianças, pouco acostumadas a possuírem dinheiro, julgam ser uma grande fortuna.

Segundo o que fica exposto, só nos resta pedir providências a quem compete, pois cremos que ainda existe umalhe que regulamente o horário de trabalho dos menores dentro das fábricas e das oficinas; e ao senhor Manuel de Mora Faria diremos que não seja tam explorador, se quiser possuir mais um pouco de simpatia perante a opinião pública desta vila. — C.

## Ponte do Lima

26 DE ABRIL

A viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro

Vai neste burgo grande entusiasmo pela viagem aerea iniciada pelos arrojados aviadores Sacadura, Cabral e Gago Coutinho de Lisboa ao Rio de Janeiro.

Quando aqui se soube da sua chegada aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, a comissão organizadora dos festejos a realizar à sua chegada ao Brasil fez subir ao ar alguns foguetes em homenagem aos intrepidos aviadores.

Porém, um facto nos surpreendeu: foi a notícia que, telegraficamente, aqui se recebeu de que o hidro-avião em que seguia Sacadura e Coutinho tinha sofrido uma pane.

Contudo, apesar do acontecido, o entusiasmo não desvaneceu na alma do povo ponteliense, que aguarda com ansiedade o dia da chegada do hidro-avião ao Rio de Janeiro.

Doente

De Lisboa, onde se encontravam trabalhando de carpinteiro, chegaram no dia 23 a esta terra, Aníbal da Cruz Lopes e seu irmão João da Cruz Lopes, o qual vem curar-se duma doença intestinal e pulmonar.

Este nosso amigo é um jovem sindicalista apaixonado pela emancipação dos trabalhadores, e a cuja classe tem a honra de pertencer, tencionando voltar logo que esteja completamente restabelecido.

O Aníbal, que veio trazer seu irmão, voltou no dia seguinte para Lisboa. — C.

Cerveira

25 DE ABRIL

Hospital da Misericórdia

O Hospital da Santa Casa de Misericórdia desta vila, outrora tam próspero, continua na dura contingência, por falta de meios (2) de não poder receber na sua enfermaria um único enfermo que dele necessite, a não ser que os seus mais generosos vizinhos, pobres como Job, queiram distribuir com ele as suas parcas refeições.

Bem sabemos que o actual provedor,

ajuda que animado da melhor boa-vontade, apregoa aos quatro ventos que não pode, devido à escassez de recursos com que aquela instituição luta, praticar coisas impossíveis.

Todavia, se quem de direito quizesse ver e tratasse já, sindicando ou mandando sindicado, de descobrir o *porto* a que arribaram os milhares de escudos legados ao hospital, em 1911, pelo falecido e conhecido filantropo sr. Luis Mendonça, talvez que alguns magnatas da vila trocasses nos seus pedestais de ignominia e os bafejados pela miséria encontrassem, depois de uma vida extolada pelo trabalho, um amparo nas suas constantes enfermidades.

Na próxima correspondência, recorrendo ao sr. ministro da Justiça, escalparemos com mais vagar assunto tam palpitante. — C.

Operários das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos do Sindicato Antico da Construção Civil entregou ante-ontem ao ministro do comércio uma reclamação contra a pouca atenção que o sr. Olívio Nunes Malheiros, director dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Sul) presta à instrução que lhe são enviadas pela administração geral na abertura de novas obras que tem já orçamentos aprovados e verbas autorizadas para a realização dos trabalhos a executar, a fim de que os chefes de secção, ao concluírem as obras que tem sob a sua supervisão, possam, sem dificuldades de maior monta, transferir os operários para novos trabalhos para se evitar que os tenham de transferir para outros serviços que não podem ser sobreavidos com maior número de pessoas, evitando também que os operários sejam mandados apresentar à referida direcção para receberem guias de transferência, estejam dois dias e mais para que o sr. Malheiros se digne comparecer ao serviço para dar despacho ao expediente, não só referente ao pessoal operário como de ordem administrativa.

Mais soube a comissão pelo próprio sr. Malheiros, quando o entrevistou sobre o referido assunto, que é disposição sua despedir operários por não ter obras onde os possa colocar, por não haver verbas, quando esse senhor falta à verdade.

A comissão compreendeu que o sr. Olívio Nunes Malheiros ao não dar as ordens necessárias para a abertura de novas obras, é na intenção de as dar de mão beijada aos empreiteiros particulares, pondo à margem operários que há trinta anos e mais estão ao serviço do Estado e que deram todo o seu esforço físico nesses serviços e que para paga são votados à mais crua miséria, e para prova das belas intenções dessa humanitária criatura, operários há que há cinco dias esperam que esse do que essas camaradas tem o privilégio que o sr. Malheiros tem, de não ir ao serviço, pois só vai quando quer e receber mensalmente os ordenados como director dos Edifícios e vogal do Conselho de Administração da Exploração do Porto de Lisboa, para que possam estar sujeitos ao «posso e quero» da vasta inteligência que possui.

A comissão empregará todos os esforços junto do ministro do Comércio e administração geral contra tal estado de coisas.

Queda

Na enfermaria de St.º Onofre do Hospital de S. José, deu ontem entrada Carlos dos Santos, de 20 anos, natural de Lisboa, marítimo e residente na rua Eduardo Coelho, 70-71, que na rua de Arroios deu uma queda, fracturando a perna direita.

A BATALHA em PARIS

Vende-se na Maison de la Press Portugaise — Rue Blanche, 49.

Aos nossos correspondentes

Em resposta a várias observações e perguntas que nos tem dirigido alguns dos nossos correspondentes, vamos novamente reproduzir o que já por diversas vezes temos publicado sobre o assunto:

Para facilitar o trabalho dos tipógrafos e dos redactores, recomendamos aos nossos correspondentes e aos leitores que com *A Batalha* se correspondam:

1.º que escrevam num só lado de cada folha de papel;

2.º que deixem um espaço razoável entre as linhas para tornar fácil qualquer correcção que por

## Serviço de livraria

DE

## A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais \$10 para registro.

Auxilia-se *A Batalha*, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de *A BATALHA*.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR  
Lisboa-Portugal

## Calçado

Procurem como quiserem: na  
**Sapataria do Calhariz**  
vende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que venda botas  
de superior calf preto ou  
de cor, a. 20\$00?  
Botas da moda com 2 solas  
corridas, salto razo, a. 31\$50?  
Botas de calf preto com 2  
pontoados, resistente a to-  
do o tempo a. 31\$00?  
Sapatos de superior calf  
preto para senhora, a. 11\$00?  
Sapatos de verniz desde 16\$00?  
Etc., etc., etc.?

Há, mas só na  
**Sapataria do Calhariz**  
Verifiquem que não perdem com isso.  
33, Largo do Calhariz, 33

**Nicolau Gomes Correa**  
ALFAIATE-MERCADOR



Grande sortido  
de lanifícios para  
homem e senho-  
ra, comprados di-  
retamente nas  
fábricas, o que  
lhe permite ven-  
der mais barato.  
Grande varie-  
dade de sobretu-  
dos e capas à  
alemejana. Ca-  
sacos para senho-  
ra já confecciona-  
dos.  
— AVIAMENTOS —  
— PARA ALFAIATES —

Rua dos Panheiros, 255

**Quereis** o vosso  
relógio con-  
certado com garantia e por  
preço módico?  
Levae-o ao

**33 de S.º André**  
actualmente

**Largo Rodrigues de Freitas, 33**  
(em frente do chafariz)

**OFICINA DE RELOJOEIRO**  
E OUVRES  
DE  
**ALVES D'ANDRADE, L.º**

## A Novela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro, Mário Domínguez, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, José Benedito, Gonçalves Correia, João Quintinha, e outros

Publicado:

N.º 1 — A Expição — por Manuel Ribeiro.  
N.º 2 — Sangue Fidalgo — por Nogueira de Brito.  
N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domínguez.  
N.º 4 — Dois fios — por Sobral de Campos.  
N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.  
N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.  
N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domínguez.  
N.º 8 — A Ciência Redentora — por José Benedito.  
N.º 9 — O mestre geral — por Jesus Peixoto.  
N.º 10 — Dor Vitoriosa — por João Quintinha.

Preço por número \$25  
Assinatura, série de 10 números 2\$50 pagamento adiantado.

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e livrarias. Porto: redacção de *A Comunidade*. Coimbra: Livraria Lumen, Tabacaria Pátria, e em casa de Manuel Bernardo Ferreira, terceiro da Erva. Outras localidades nos agentes de *A Batalha*.

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

## FORMOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de ex-  
tremo valor na cura da  
fraqueza geral, fra-  
queza cerebral, at-  
raso a memória e evi-  
tando a neurastenia.  
Os seus maravilhosos  
efeitos são absolutamen-  
te garantidos no trata-  
mento da anemia, tu-  
berculose, fraqueza  
genital, doenças do  
coração e pulmões,  
afecções nervosas, su-  
ores nocturnos, prostra-  
ção física, menstruações  
irregulares, perdas semi-  
inaes, escoliose, linfa-  
tismo, raquitismo, alicia-  
ções, digestões labo-  
radas e fraqueza geral.  
Tónico por excelência  
do sistema nervoso e  
muscular, multiplicando  
as forças e evitando a



pobreza fisiológica  
traduzindo-se o seu  
efeito no aumento  
de peso e das for-  
ças pessoais. A pessoa que  
habita nos climas  
quentes e as que se  
dedicam ao sport  
tem absolutamente  
necessidade de fa-  
zer uso do *Formol* com o fim de  
evitar o exotismo  
físico derivado  
do excesso do cli-  
ma e do abuso das  
forças. A distinta  
classe médica faz  
uso pessoal e na  
sua clinica des-  
tina o *Formol* como  
o melhor medica-  
mento, assim como mi-  
lhões de pessoas

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com óptimos resultados. Não tem  
efeito 3 frascos, mais 50 centavos.

Deposítários em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estácio, Rocio, 60;  
Azevedo, Rocio, 51; Quintana, R. da Prata, 193. — Porto: Farmacia Birra, Praça da Li-  
berdade, 124. — Coimbra: Farmacia Nazaré, R. Ferreira Borges, 139. — Santarém:  
Farmacia Boco, R. da Misericórdia, 121. — Setúbal: Farmacia Oliveira, R. de Mi-  
sericórdia, 14. — Braga: Instituto Galénico, Praça do Conde d'Agrolongo, 25. — Évora: Far-  
macia Fato, R. João de Deus, 33. — Faro, Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50. —  
AFRICA OCCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. Genera I Calheiros. —  
Loanda: Serra, Annes & Irmão. — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano  
57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

## A Crise do Socialismo

Brochura de grande  
actualidade  
por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas li-  
vrarias, tabacarias e quiosques.  
**PREÇO \$40**

## A COMUNA

Seminário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

Sua evolução. — Sua si-  
tuação presente. — Suas  
causas. — Seus efeitos. — O  
futuro.

Origine — Institutions — Avenir

Preço 7 francos — Sete escudos. — A  
venda na Administração de *A Batalha*.

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

## BREVEMENTE

Inauguração da Secção de Calçado

NA

Havaneza do Sacramento

Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcântara)

O proprietário desta casa, António de Sá  
Júnior, que é um dos muitos amigos de *A  
Batalha*, aconselha o povo a procurar os  
seus estabelecimentos, pois que se encontra  
na disposição de combater os assombra-  
dos.

Aos trabalhadores organizados, mediante  
apresentação da cédula sindical, far-se-  
há um desconto de 5 00, e mais 1 00 para  
o jornal *A Batalha*.

As cooperativas que se tornem responsá-  
veis pelo pagamento dos seus socios, no  
prazo de 6 meses, far-se-á os seguintes des-  
contos:

5 00 para a cooperativa  
3 00 para o sócio  
1 00 para *A Batalha*

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por  
engano, só se refere ao calçado.

Tabacaria Condes  
AVENIDA DA LIBERDADE, 6  
Havaneza do Carmo  
CALÇADA DO CARMO, 43

Mercado de joias e  
metais preciosos

76-78  
Rua da Palma  
76-78

Compra e venda de ouro, prata,  
platina e pedras de valor com  
vantagens para o comprador  
e vendedor

Compras pelo máximo  
de valor

Vendas pelo mínimo do  
lucro

**FRAGA & C.ª**

Fixem os n.ºs 7-6

sete, seis

RUA DA PALMA

7-8

sete, oito

**A grande Baixa de Calçado**

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf preto para senhora

11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas calf preto grandes e de 21\$00

Botas calf preto com duas so-  
las

22\$50

Grande saldo de botas bran-  
cas

16\$15

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra  
Barato e Bom

Um colossal sortimento em calçado  
para crianças

Grande saldo de botas de cor pa-  
ra homem a. 23.00

## AOS AGRICULTORES

EPOCA AGRICOLA DE 1922

SEGUROS DE SEARAS

Aconselhamos todos os lavradores e agricultores a não efectuarem os  
seus seguros, sem consultar *A MUNDIAL*, em vista das garantias e  
vantagens que só elle oferece. Dirigir-se a



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

## Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

(A' venda na Secção de Livraria de a BATALA		Pelo correio	
Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come. ....	500 000	500 000	Krapotkine:
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho. ....	2000 250	2000 250	A Anarquia, sua filosofia e seu ideal. ....
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres. ....	200 000	200 000	A Grande Revolução (2 vol.). ....
Berthelot. — O Evangelho da Hora. ....	200 000	200 000	A moral anarquista. ....
Briand. — A greve geral. ....	100 000	100 000	A Mochila. ....
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal. ....	100 000	100 000	Sindicalismo e Parla- mento. ....
Carlos Rales. — A ditadura do Proletariado. ....	100 000	100 000	Os bastidores da guerra. ....
Carneiro de Moura. — A mu- lher e a civilização. ....	100 000	100 000	Lagardelle:
Cesar Ferraz. — Os partidos políticos. ....	100 000	100 000	Sindicalismo e Socialismo. ....
Charles Albert. — O amor livre contem. — Contra o confusão- nismo. ....	100 000	100 000	Landauer:
Delisle. — Os financeiros, os po- líticos e a guerra. ....	100 000	100 000	A Social Democracia na Ale- manha. ....
Domela Nieuwenhuis. — Pátria e humanidade. ....	100 000	100 000	Leone. — O Sindicalismo. ....
Durand. — O socialismo e a pró- xima revolução (2 vol.). ....	2000 250	2000 250	Malatesta:
Emilio Costa. — Acção direc- ta. ....	100 000	100 000	A politica parlamentar no mo- vimento socialista-anar- quista revolucionário. ....
Elevant. — A minha defesa. ....	100 000	100 000	Entre camponeses. ....
Fraser. — A Rússia vermelha. ....	2000 250	2000 250	No café. ....
Gustavo Wallatini. — Problemas sociais. ....	100 000	100 000	Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. ....
Guay. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. ....	100 000	100 000	Marx. — O Capital. ....
Hamon:			Naquet. — A caminho da união livre. ....
A conferência da Paz e a sua obra. ....	1000 100	1000 100	Nietzsche:
As lições da guerra mundial O movimento operário na Grã-Bretanha. ....	1000 100	1000 100	Anti-Cristo. ....
Psicologia do militar profis- sional. ....	1000 100	1000 100	Geologia da moral. ....
Psicologia do socialista-anar- quista. ....	1000 100	1000 100	Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geórgica. ....
A Crise do Socialismo. ....	100 000	100 000	Novicov. — A emancipação da mulher. ....
Henriette Roland. — A Rússia nova. ....	100 000	100 000	Pataut e Pouget. — Como far- emos a revolução. ....
Jean Grave:			Perfeito de Garvalho. — Notas e comentários. ....
A Anarquia-Fins e meios. ....	500 000	500 000	Pouget:
A Sociedade Futura. ....	1000 100	1000 100	A Confederação Geral do Trabalho. ....
O indivíduo e a Sociedade. ....	100 000	100 000	Prat. — A Burguesia e o Proleta- riado. ....
José Carlos de Sousa. — A pro- priedade privada. ....	100 000	100 000	Ricardo Mella:
Joseph J. Ettor. — Unionismo In- dustrial. ....	100 000	100 000	O principio do fim. ....
José T. Lorenz. — Meditacione- s sobre o Anarquismo. ....	100 000	100 000	Rossi. — A sugestão e as multi- dões. ....
Jules Guesde. — A lei dos sa- lários. ....	100 000	100 000	Russurmano. — A escravidão so- cial da mulher. ....
	100 000	100 000	Sob a luz do Furo. — Doze provas da inexistência de Deus. ....
	100 000	100 000	Tolstol:
	100 000	100 000	Pão para a boca. ....
	100 000	100 000	Ao ciero. ....
	100 000	100 000	Trostky. — Constituição politica da republica dos Sovietes. ....
	100 000	100 000	Vanderweide. — O plectivismo e a evolução industrial. ....